

**APONTAMENTOS SOBRE A MEMÓRIA DA CIDADE: A PRESENÇA
DOS ORIENTAIS NA AVENIDA MANOEL GOULART EM
PRESIDENTE PRUDENTE (SP)**

Mariana Aparecida Gazolla

orcid.org/0000-0001-6299-6729

Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente (FCT/UNESP)

E-mail: marianagazolla@hotmail.com

DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6987

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer apontamentos iniciais acerca da presença de orientais como proprietários de lotes na Avenida Manoel Goulart, em Presidente Prudente (SP). Tais apontamentos são parte dos resultados de uma pesquisa maior, que trabalha com as mudanças no uso e ocupação do solo, ao longo do tempo, na mesma via de circulação, e que resultará em uma dissertação de mestrado. Não traremos um aprofundamento teórico e/ou analítico neste trabalho, mas sim alguns elementos e inquietações que esses dados nos provocaram, a fim de pensarmos em novos problemas de pesquisa.

Palavras-chave: Geografia Urbana Histórica; Memória da Cidade; Orientais; Avenida Manoel Goulart.

**NOTES ON CITY MEMORY: THE PRESENCE OF
ORIENTALS IN MANOEL GOULART AVENUE IN
PRESIDENTE PRUDENTE (SP)**

Abstract

This paper aims to make initial notes about the presence of Orientals as owners of lots on Avenida Manoel Goulart, in Presidente Prudente (SP). These notes are part of the results of a larger research, which works with changes in land use and occupation over time, along the same road, and which will result in a master's dissertation. We will not bring a theoretical and / or analytical deepening in this work, but some elements and concerns that these data provoked us, in order to think about new research problems.

Key-words: Historical Urban Geography; Memory of the City; Orientals; Manoel Goulart Avenue.

**NOTAS SOBRE LA MEMORIA DE LA CIUDAD: LA
PRESENCIA DE ORIENTALES EN LA AVENIDA MANOEL
GOULART EN EL PRESIDENTE PRUDENTE (SP)**

Resumen

Este documento tiene como objetivo tomar notas iniciales sobre la presencia de orientales como propietarios de lotes en la Avenida Manoel Goulart, en Presidente Prudente (SP). Estas notas son parte de los resultados de una investigación más amplia, que trabaja con cambios en el uso de la tierra y la ocupación a lo largo del tiempo, a lo largo del mismo camino, y que dará como resultado una disertación de maestría. No aportaremos una profundización teórica y / o analítica en este trabajo, sino algunos elementos y preocupaciones que estos datos nos provocaron, para pensar en nuevos problemas de investigación.

Palabras-clave: Geografia Urbana Histórica; Memoria de la ciudad; Orientales; Avenida Manoel Goulart.

Introdução

Os resultados apresentados e discutidos neste trabalho fazem parte de uma pesquisa maior, a nível de mestrado¹. Tal pesquisa articula tempo, espaço e memória, a partir da Geografia Urbana Histórica, como uma forma de tentar reconstruir fragmentos da Memória da Cidade de Presidente Prudente (SP). Para tal, temos como objeto de estudo uma das principais vias de circulação da cidade, a Avenida Manoel Goulart, e sua importância no contexto histórico de surgimento e expansão da cidade de Presidente Prudente.

O município de Presidente Prudente está localizado na região oeste do estado de São Paulo (figura 01) e, de acordo com o IBGE, em 2018, ocupava uma área de aproximadamente 560 km², sendo que cerca de 16 km² estavam em perímetro urbano. O censo de 2010 contou com uma população de 207.610 habitantes, sendo estimada para o ano de 2019, em 228.743 habitantes. Sua taxa de urbanização, em 2009, segundo o site da Prefeitura Municipal, era da ordem de 97, 91%.

Figura 01. Mapa de localização da cidade de Presidente Prudente



Fonte: elaborado por Cardoso e Gazolla (2017).

¹ O trabalho faz parte de requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, dentro do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT-Unesp, e se encontra em fase final de elaboração.

Quando o núcleo inicial da cidade foi desenhado e implantado, o projeto da Avenida Manoel Goulart já se encontrava lá. Levando em conta nossa vivência na cidade de Presidente Prudente e a proximidade com a via, pela qual passamos todos os dias, surgiram algumas questões e inquietações, que serviram como base para a elaboração dos objetivos da nossa pesquisa e, sendo um deles, a significativa presença de orientais na Avenida. Aos organizarmos e sistematizarmos todos os dados coletados e produzidos para a realização dos objetivos de nossa pesquisa, nos deparamos com um que confirmava tal hipótese: a presença de orientais como proprietários de lotes na Avenida Manoel Goulart.

Tendo em vista que não aprofundaremos essa discussão na dissertação, resolvemos apresentar esses dados neste trabalho, assim como trazer alguns elementos para o início do debate sobre o tema. Deixamos claro que, não é nosso objetivo trazer um aprofundamento teórico/analítico sobre o tema, mas sim, apresentar inquietações que surgiram frente a esses dados, pensando na possibilidade de uma agenda de pesquisa.

Procedimentos Metodológicos

Para a realização da pesquisa de mestrado, no âmbito da temática da Geografia Urbana Histórica, que relaciona tempo e espaço, precisamos nos utilizar de diversas metodologias, a fim de alcançarmos nosso objetivo, que é a reconstrução de fragmentos da Memória da Cidade de Presidente Prudente, tendo como foco a Avenida Manoel Goulart. Para tal feito, os procedimentos utilizados para sua elaboração foram: construção de um quadro descritivo com os principais acontecimentos da cidade de Presidente Prudente, a partir da referência bibliográfica consultada para a pesquisa; trabalhos de campo na Avenida; pesquisa documental; pesquisa iconográfica; confecção de produtos cartográficos e croquis; e questionários realizados com comerciantes da Avenida.

Para os dados que apresentamos e discutimos neste trabalho, utilizamos a pesquisa documental. Um dos procedimentos adotados na pesquisa de mestrado, a fim de visualizarmos as mudanças no uso e ocupação do solo da Avenida Manoel Goulart em um passado recente, foi trabalhar com os dados do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU).

Fomos informados pela Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Habitação de que, apesar de serem informações de domínio público, teríamos que entrar com um processo interno através do site da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente e esperarmos eles entrarem em contato conosco. Tal processo foi aberto no segundo

semestre do ano de 2017. Entretanto, não obtivemos resposta até o presente momento. No ano de 2018 conseguimos contatos² diretos dentro dessa Secretaria Municipal, o qual nos cedeu os arquivos do IPTU referentes aos anos de 2007 a 2018, ou seja, uma série temporal de 12 anos³.

Desses arquivos, identificamos e organizamos em planilhas eletrônicas⁴ somente os dados referentes à Avenida Manoel Goulart, de modo a organizar esses dados de uma forma mais apreensível. Após a organização desses dados, convertimos essas planilhas eletrônicas em arquivos *Portable Document Format*⁵ (PDF). Através de *softwares* que fazem a leitura de arquivos em formato PDF, selecionando a ferramenta “localizar”, fizemos uma busca nome a nome⁶ para verificarmos a duplicidade dos mesmos, a fim de identificarmos os proprietários que possuíam mais de um lote na Avenida.

Ao organizarmos e sistematizarmos esses dados do IPTU, tivemos uma hipótese, que foi levantada através de nossa experiência enquanto cidadãos da cidade de Presidente Prudente (SP), confirmada: a significativa presença de orientais como proprietários de lotes na Avenida Manoel Goulart.

Atribuímos uma classificação para todos os proprietários que possuíssem sobrenomes de origem oriental em nossa lista impressa. Esses novos dados foram compilados para uma planilha eletrônica, onde posteriormente foram trabalhados em produtos cartográficos⁷ apresentados neste trabalho. Lembrando que o trabalho de campo foi essencial para a obtenção do número dos lotes, para que todas as informações produzidas pudessem ser transformadas em produtos cartográficos.

² Manteremos o nome do nosso informante em sigilo, nos resguardando no artigo 5º, XIV, da Constituição Federal:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XIV – e assegurando a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional.

Informação obtida através do site: jus.com.br – acessado em 24/09/2019.

³ Neste trabalho, optamos por trazer os dados referentes ao ano de 2018, mostrando assim, a atual configuração da Avenida, no que diz respeito aos proprietários de lotes.

⁴ A planilha utilizada foi a do *software* Excel, da Empresa Microsoft.

⁵ Formato Portátil de Documento. É um formato de arquivo criado pela empresa *Adobe Systems* para que qualquer documento seja visualizado, independente de qual tenha sido o programa que o originou. Informação obtida através do site: www.significados.com.br.

⁶ Foram agrupados também os proprietários que possuíam o mesmo sobrenome, exceto os que possuem sobrenomes mais comuns como Silva, Ferreira, Sousa, etc.

⁷ Os produtos cartográficos foram elaborados através da combinação de *softwares* de desenho e de edição gráfica.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios), n. 15, v. 8, p. 96-111, dez/2019. ISSN: 1984-1647

Tendo em vista que trabalhamos com uso e ocupação do solo na Avenida, nossa menor unidade de medida para análise é o lote. Devido a essa escala de análise, optamos por fazer “recortes” por toda a extensão da Avenida, de modo que nossos dados pudessem ser visualizados nos produtos cartográficos. Dessa forma, optamos por dividir a Avenida em quatro recortes. Entretanto, para a espacialização dos dados propostos neste trabalho, a presença de orientais na Avenida, apresentaremos somente dois recortes da via de circulação.

Resultados e Discussão

A cidade de Presidente Prudente, situada no oeste do estado de São Paulo, deve sua fundação principalmente à chegada da rodovia e ao complexo cafeeiro. Assim como em outras cidades pontas de trilho⁸, quando a ferrovia chegava, instalava-se um núcleo urbano a fim de atender as demandas dos novos moradores da zona rural, que vinham em busca de novas terras para o plantio de café.

Quando a ferrovia chega nas proximidades da região, mais especificamente na cidade de Indiana (SP), começou um movimento em direção ao que hoje compõe o município de Presidente Prudente, no sentido de desbravar tal área, e começar a loteá-la, a partir de pequenas propriedades, para o cultivo do café. Portanto, antes de mais nada, Presidente Prudente constituiu-se a partir da especulação de terras⁹.

A cidade produz-se a partir da especulação de terras dos coronéis Francisco de Paula Goulart e José Soares Marcondes, que fundaram duas vilas, a Vila Goulart (1917) e a Vila Marcondes (1919), respectivamente. A junção das duas vilas nos dá a cidade inicial. A Avenida Manoel Goulart nasce junto com a Vila Goulart, já em 1917, tendo em vista que na primeira planta¹⁰ (figura 02) seu traçado já consta¹¹.

O processo de urbanização da cidade de Presidente Prudente não se deu e nem se dá em consequência de um processo de industrialização, nem tampouco na mesma progressão do aumento populacional. Mas sim, responde a processos de intensificação das atividades econômicas urbanas (SPOSITO, 1983), como os setores de comércio e serviços

⁸ As cidades que eram fundadas em frente às estações onde a ferrovia acabava, eram chamadas cidades pontas de trilhos.

⁹ Para maiores informações ver Abreu (1972).

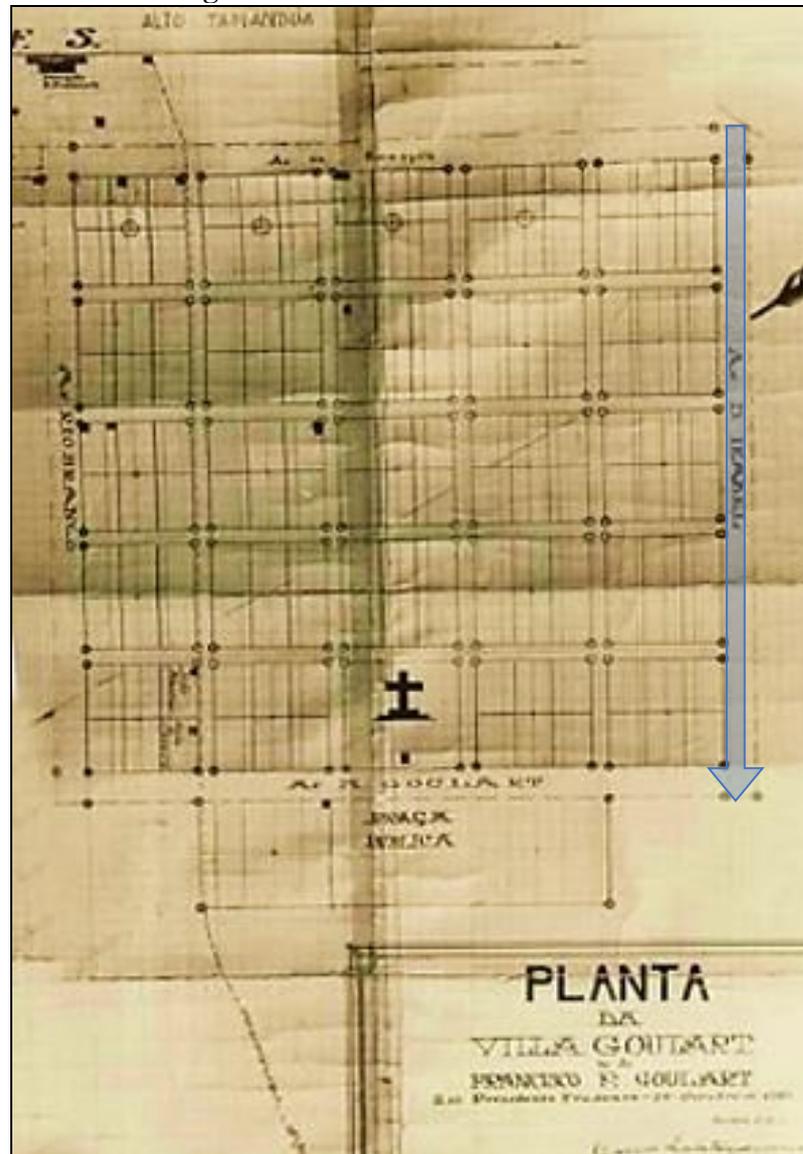
¹⁰ Nessa planta a Avenida levava o nome de Dona Izabel, em homenagem à Izabel Dias Goulart, esposa do Coronel Goulart.

¹¹ Sobre a planta original foi feita, pela autora, uma demarcação para o leitor melhor localizar a Avenida Manoel Goulart.

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios), n. 15, v. 8, p. 96-111, dez/2019. ISSN: 1984-1647

e de mudanças no campo, com modernização da atividade agropecuária, mudança na estrutura fundiária e nos principais produtos da região.

Figura 02. Planta da Vila Goulart – 1919



Fonte: Abreu (1972).

O mundo vive um processo contraditório onde, quanto mais os lugares se mundializam através da globalização, tanto mais, eles tornam-se únicos, singulares e específicos. Para Santos (1996, p. 34), essa especialização desenfreada do espaço se deve:

[...] à dissociação sempre crescente dos processos e subprocessos necessários a uma maior acumulação do capital, à multiplicação das ações que fazem do espaço um campo de forças multidirecionais e multicomplexas, onde cada lugar é extremamente distinto do outro, mas também claramente ligado a todos os demais por um nexo único, dados pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal.

As relações sociais, por mais simples que possam parecer, contêm partes das relações que se dão em uma escala maior, a global. Ou seja, a história da produção de uma ação desencadeia um processo bem mais amplo, se inserindo num fenômeno em um contexto cada vez mais complexo (SANTOS, 1996).

De acordo com Santos (1996), é só através dessas relações sociais, que nos dão as particularidades da análise, que não nos enganamos diante das coisas que possuem a mesma aparência:

Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico. Dessa maneira, conseguimos compreender como nossa disciplina estuda as relações, que se dão através dos objetos. Há uma interdependência entre os objetos e as relações. (SANTOS, 1996, p. 58).

De acordo com Abreu (2012), para a busca dessa singularidade dos lugares, o passado, esteja ele materializado na paisagem, preservado em instituições de memória ou vivo no cotidiano da cultura e dos lugares, é uma das suas dimensões mais importantes. Nesse sentido, a Memória da Cidade é um elemento fundamental nessa busca pelas singularidades.

Seemann (2002) argumenta que, embora a memória seja um processo interno de cada indivíduo, a sua projeção não se dá em um plano vazio, ela precisa de um espaço para ser ativada e estimulada.

Nesse sentido, entendemos que a Memória da Cidade nada mais é do que a memória de um lugar. Para Santos (1994, p. 36), o lugar é a extensão do acontecer solidário, visto que é compartilhado por um conjunto de sujeitos e agentes que coexistem no tempo e no espaço.

Essa busca por uma Memória da Cidade pode se dar ao analisarmos uma rua, por exemplo. Segundo Cordova, Iubel e Stoiev (2014, p. 17), cada rua tem vida própria através das práticas e representações sociais cotidianas. De acordo com os autores, as “ruas são e não são todas iguais. [...] cada rua tem seus próprios fios de lembrança e esquecimentos, que se ligam ao emaranhado das memórias que compõem as cidades”. Portanto, estudar a Avenida Manoel Goulart é uma forma de entender, por outros meios, a história da cidade de Presidente Prudente.

A Avenida Manoel Goulart (figura 03) foi uma das primeiras vias implantadas na cidade e é uma das principais vias de circulação e de acesso ao centro urbano de Presidente Prudente (SP). Nascendo na confluência com a Avenida Brasil, ela estende-se, por seus 5,2

km de extensão¹², até chegar à Rodovia Raposo Tavares, passando por áreas/equipamentos de grande centralidade na cidade, como o quadrilátero central, o Parque do Povo, a Unesp¹³ e o Prudenshopping.

Dessa forma, desenvolvemos uma pesquisa a nível de mestrado onde tentamos recuperar fragmentos de uma memória espacial da Avenida Manoel Goulart, em Presidente Prudente, a fim de trazermos uma contribuição à Memória da Cidade. Desenvolvemos tal objetivo por meio da análise das mudanças no uso e ocupação do solo nessa via de circulação, através de dados, plantas, mapas, fotografias aéreas, fotografias, recortes de jornais, entre outros documentos. Um dos dados trabalhados foi o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano).

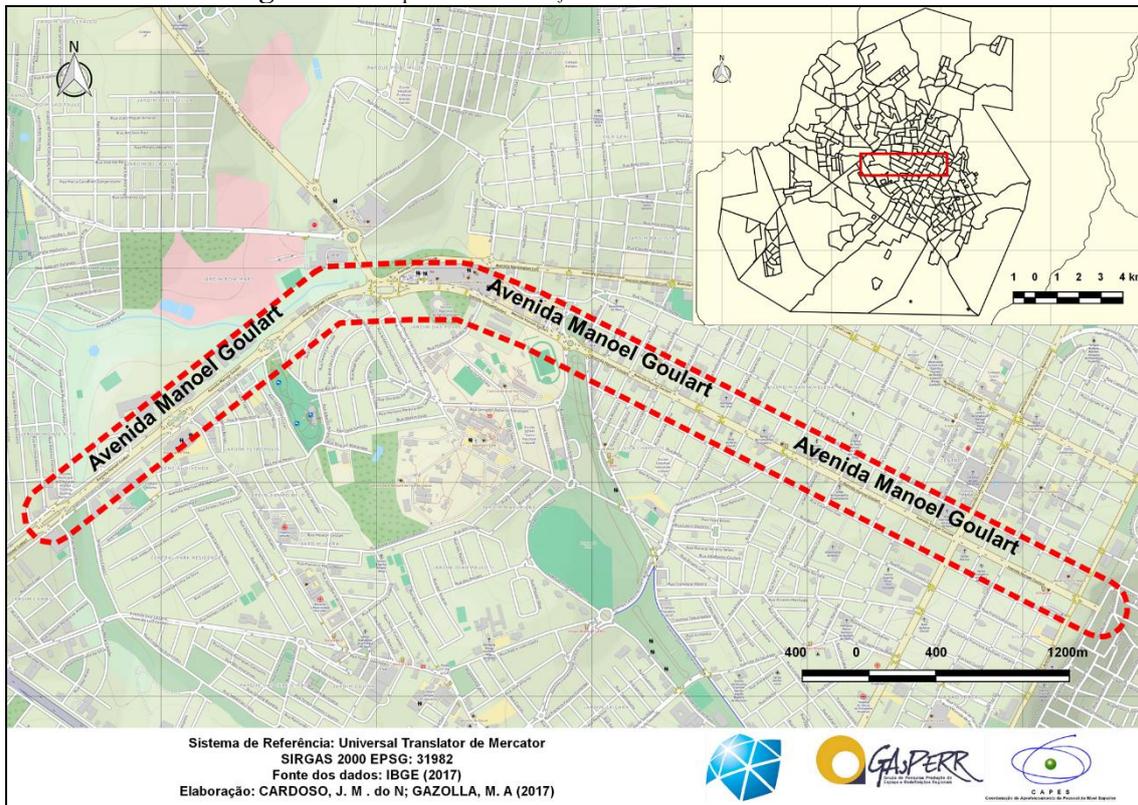
Trabalhando com os dados do IPTU da cidade, surgiu uma outra informação que nos chamou a atenção a partir da análise da sistematização dos quadros, que é a forte presença de sobrenomes orientais na Avenida, sobretudo de origem japonesa. Resolvemos, então, espacializar esses dados em produtos cartográficos a fim de melhor visualizá-los (figuras 04 e 05).

As figuras 04 e 05 são produtos cartográficos que mostram em destaque os lotes onde os proprietários possuem sobrenomes orientais. Podemos ver a grande relevância dos dados onde, principalmente na parte mais antiga da Avenida (figura 04), eles são donos de mais de um lote em quase todas as quadras, diminuindo sua abrangência conforme chegamos perto do Prudenshopping (figura 05).

¹² Dado obtido através do aplicativo Google Maps.

¹³ Passa pela parte norte do campus, que compreende a pista de atletismo.

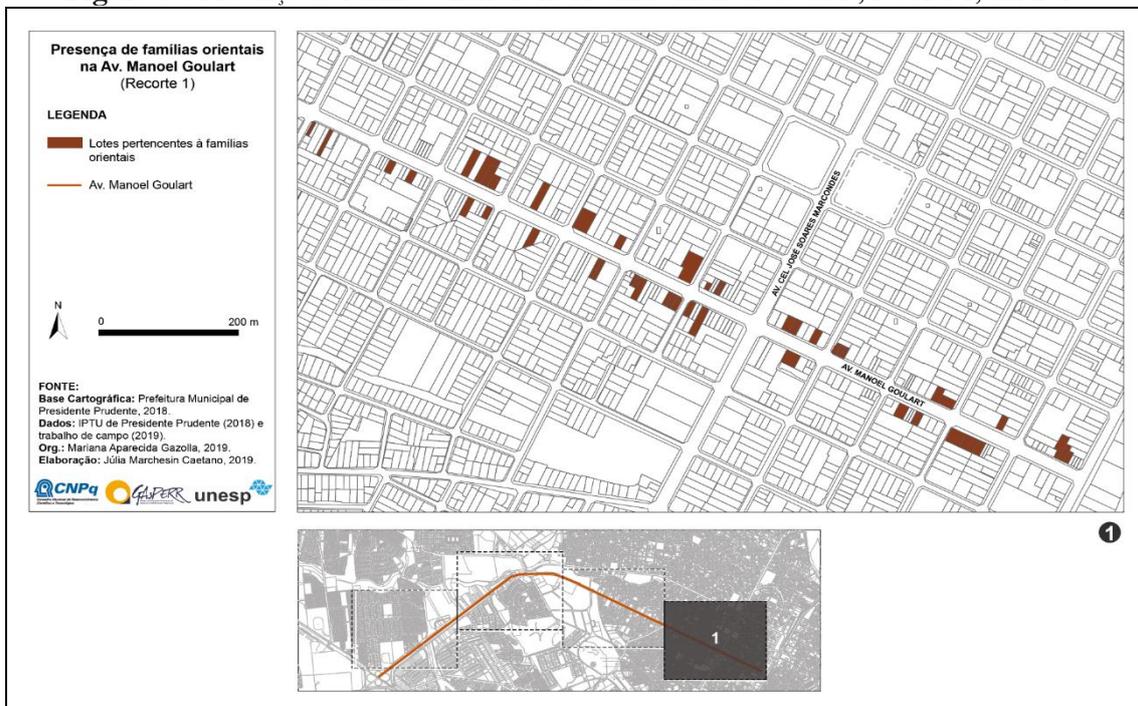
Figura 03. Mapa de localização da Avenida Manoel Goulart



Sistema de Referência: Universal Transator de Mercator
SIRGAS 2000 EPSG: 31982
Fonte dos dados: IBGE (2017)
Elaboração: CARDOSO, J. M. do N; GAZOLLA, M. A (2017)

Fonte: elaborado por Cardoso e Gazolla (2017).

Figura 04. Presença de famílias orientais na Avenida Manoel Goulart, recorte 1, em 2018



Presença de famílias orientais
na Av. Manoel Goulart
(Recorte 1)

LEGENDA

- Lotes pertencentes à famílias orientais
- Av. Manoel Goulart

0 200 m

FONTE:
Base Cartográfica: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, 2018.
Dados: IPTU de Presidente Prudente (2018) e trabalho de campo (2019).
Org.: Mariana Aparecida Gazolla, 2019.
Elaboração: Júlia Marchesini Caetano, 2019.



Fonte: organizado por Gazolla (2019) e elaborado por Caetano (2019).

Figura 05. Presença de famílias orientais na Avenida Manoel Goulart, recorte 2, em 2018.



Fonte: organizado por Gazolla (2019) e elaborado por Caetano (2019).

A imigração japonesa para o Brasil, de acordo com Sousa (2019), ocorreu a partir do ano de 1908, quando o navio Kasato Maru saiu do porto de Kobe, no Japão, com destino ao porto de Santos, no nosso país. Desembarcaram cerca de 800 pessoas que, em sua maioria, foram encaminhadas às fazendas de café para trabalharem, nas regiões Mogiana, Oeste Paulista e Vale do Ribeira.

De acordo com Suzuki (1973), essa migração, direcionada para o trabalho nipônico no Brasil, tinha como finalidade o desejo por uma independência financeira, tendo em vista que eles se mudavam para novas regiões promissoras, onde haviam uma oferta de lotes mais produtivos a um menor custo. Esse deslocamento se deu, principalmente, para a região oeste do estado de São Paulo, após a chegada da estrada de ferro nesse local.

A 'boca do sertão' ou o 'novo oeste' era uma região despovoada até o início do século. Existia somente o núcleo de Bauru, município que data do século passado. Lins, Birigüi, Araçatuba, Cafelândia são municípios criados após a chegada da estrada de ferro Noroeste do Brasil, e após a ida de famílias japonesas. Atrai fazendeiros pelos baixos preços das terras que são retalhadas em lotes para a exploração do café. [...] A região da Alta Sorocabana como outro pólo de fixação que vai num crescendo até meados da década de 1940, em função da presença dos trilhos da estrada de ferro Sorocabana. Inclui municípios como Assis, Presidente Prudente,

Rancharia, Presidente Epitácio, criados praticamente com o avanço da ferrovia. Essa região é formada por núcleos de arrendatários que basicamente se dedicam ao cultivo do algodão, após o período nas fazendas de café, muitas vezes na própria região. A Alta Paulista se caracteriza pela presença maciça de famílias japonesas a partir do final da década de 1930. Da mesma forma que a região Noroeste, a Alta Paulista atrai pequenos proprietários que compram lotes às margens da ferrovia para o plantio do algodão. A Alta Paulista e a Noroeste são regiões onde a fixação nas condições descritas foram mais significativas (SAKURAI, 1995, p. 39).

De acordo com Sousa (2019), os dados do IBGE, do ano de 1951, revelam que os municípios com a maior concentração de famílias japonesas estão na “boca do sertão”, ou nas palavras do autor, “na frente agrícola denominada marcha pioneira” (SOUSA, 2019, p. 76).

Monbeig (1984) diz que, em menos de duas décadas, os imigrantes japoneses saíram da condição de colonos, nas lavouras de café, em 1920/1930, para proprietários e produtores em pequenos lotes rurais. Essa “ascensão” econômica e social, geralmente, acontecia após um período de 4 a 6 anos.

Em suma,

[...] a participação do japonês na produção agrícola tem centralidade na produção de café, algodão, amendoim e hortelã. Paulatinamente, a partir de 1950, a produção agrícola na escala local/regional perde espaço para novas formas de acumulação do capital para as atividades ligadas a criação de gado com a pecuária de corte/leite, para a especulação de terras urbana/rural e para a indústria de transformação. De fato, a queda no setor agrícola se deu pelos baixos preços dos produtos agrícolas internacionais da monocultura. No entanto, os nipo-brasileiros continuaram produziram e ganhando dinheiro, pois tinha como foco de cultura agrícola os hortifrutigranjeiros (produtos de feiras livres), a soja (shoyu) e a granja avícola (carne de frango e ovo) (SOUSA, 2019, p. 78).

A significativa presença dos imigrantes japoneses em cidade do oeste do estado de São Paulo se deu, sobretudo, porque as cidades pontas de trilho se tornaram espaços de concentração de população, da produção e dos serviços. Por conta de sua “ascensão” econômica e social, eles procuraram trabalho autônomo e não o assalariado, procurando assim consolidar sua independência financeira (SOUSA, 2019).

O núcleo urbano prudentino, em meados de 1950, fixou os japoneses que buscavam o trabalho autônomo no comércio ou no serviço, sendo que o município era pólo regional, concentrava população híbrida e produção industrial (beneficiamento) e serviços gerais (manutenção e conserto). Desses autônomos nipo-brasileiros alguns se estabeleceram como micro-empresários constituindo aqui oficinas, lojas, bares,

armazéns e pensões. Entre os pequenos empreendimentos *nikkeis*¹⁴ haviam empresas bancárias (inter) nacionais japonesas (SOUSA, 2019 p. 87).

A concentração de atividades comerciais e de serviços na Avenida se deu de tal forma, que podemos classificá-la como um eixo de desdobramento do centro principal da cidade (WHITACKER, 1997; FERREIRA, 2018). Atualmente, na Avenida, podemos verificar a presença de estabelecimento comerciais e de serviços que atuam tanto no âmbito local e regional, quanto no nacional, tendo até redes mundiais, como o Hotel Ibis e Mc Donalds.

Um notável imigrante japonês, o senhor Hiroshi Yoshio, representa bem esse processo que desenhamos até agora.

O Homem. Seja ele italiano ou japonês ou oriundo de qualquer continente, ele evoca a sua terra. Não foi diferente com Hiroshi. No silêncio de sua alma, lembrar lhe faz bem. Evocação de Tóquio, sua cidade natal, do Imperador, dos Samurais, dos templos budistas. Da Tóquio de sua infância, dos familiares reunidos em múltiplos festejos; dos meninos, seus colegas, após os brinquedos, no meio da rua, todos se despedindo: ‘Sayonara’. Evocação da viagem de navio, no ‘Sanuki Maru’; no desembarque, no porto de Santos; nas terras cobertas de florestas, nas lavouras de algodão; e dos pais e irmãos, no duro trabalho do agricultor. Evocação da primeira propriedade, do primeiro armazém de secos e molhados. [...] (RESENDE, 2012 p.113).

O senhor Hiroshi Yoshio, após desenvolver atividades nos ramos da agricultura, pecuária e comércio, todas empreitadas bem-sucedidas, se aventurou no ramo do empresariado, assumindo a direção de uma empresa que tinha sua sede na Avenida Manoel Goulart.

[...]. Em 1964, assume a direção da empresa VIMASA – Viaturas e Máquinas Ltda., em sociedade com seus irmãos, Takeshi, Arthur e Kiyoshi, com sede na Avenida Brasil, 662, concessionária dos veículos DKW VEMAG, mais tarde, com sede na Avenida Manoel Goulart, nº 662; esquina com a Ribeiro de Barros, nº 1976, em prédios próprios, modernos e confortáveis; posteriormente adquirida pela Volkswagen do Brasil, cuja representação a VIMASA permaneceu até 1969; continuando, contudo, com representação de produtos e equipamentos agrícolas e assistência técnica, inclusive, concessão de vendas dos tratores Valmet. [...] (RESENDE, 2012, p. 115).

Mas não é só empresas, de propriedade de orientais, que se localizavam na Avenida Manoel Goulart. Havia residências também. Sousa (2019, p. 135), cita um trecho de uma entrevista, realizada no dia 28 de agosto de 2017, com a senhora Márcia Hideko

¹⁴ Segunda geração de imigrantes japoneses.

Sakuma Ohashi, dentista, *sansei*¹⁵, moradora de Presidente Prudente nos dias atuais. Neste trecho, a entrevistada relata a dificuldade de mobilidade dentro da cidade de São Paulo, onde foi estudar na década de 1990, e como era essa mobilidade na cidade de Presidente Prudente, em período anterior. O trecho da entrevista que nos chama a atenção, é quando a senhora Márcia cita que a casa de sua família se localizava na Avenida Manoel Goulart, e por ali permaneceram um bom tempo.

Talvez mais porque tinha um lugar para ficar (a casa da minha avó), não sei. Mas, não era fácil não, a gente aqui está acostumado que o pai vai levar na escola de carro. E lá em SP teria que pegar um ônibus e um metro, me virar sozinha, acordar cedo, entre outras coisas. As aulas eram muito intensas, o colégio era muito puxado. Várias atividades, aulas à tarde, laboratório. O fato assim, de você tinha que se locomover e pegar um ônibus, pegar um metro, coisas que eu nunca tinha feito aqui em Prudente. Aqui eu morava na Manoel Goulart, mas meu pai levava de carro dificilmente a gente ia a pé ou de ônibus. Qualquer coisa que precisava ele levava e buscava, tinha comodidade. Morávamos bem no centro, quatro quadras da Cel. Marcondes, ali em frente ao supermercado que era a referência, mas o mercado fechou, onde tem um Frango Bom era ali na esquina. Sempre moramos ali. Pelo menos nesse período aí. Mas, agora eles não moram mais para lá estão em um apartamento.

Sabemos que a colônia japonesa teve grande importância na cidade de Presidente Prudente. Importância essa demonstrada até em desfiles cívicos na cidade, como o desfile do cinquentenário, realizado na Avenida Manoel Goulart, no ano de 1967. Ao observarmos as figuras 06 e 07, podemos notar que esta parte do desfile faz menção à colônia japonesa na cidade, onde muitos foram pioneiros, como a família Kodama em cima de uma réplica do navio Kasato Maru.

¹⁵ Terceira geração de imigrantes japoneses.

Figura 06: Fotografia do desfile do cinquentenário da cidade, na Avenida Manoel Goulart, mostrando membros da colônia japonesa, em 1967.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Figura 07: Fotografia do desfile do cinquentenário da cidade, na Avenida Manoel Goulart, com a família Kodama, em 1967.



Fonte: Museu e Arquivo Histórico de Presidente Prudente.

Segundo Correia (2007), Rioichi Kodama, pioneiro da colonização japonesa em Presidente Prudente, chegou na cidade em 1926. Aqui constitui família, deixando filhos e netos. O senhor Kodama foi um dos primeiros motoristas profissionais habilitados no país, adquirindo um Ford de bigode 1927, em São Paulo, que utilizava para a realização de fretes, para o sustento da família.

Sabendo da importância que a colônia japonesa tem para a cidade de Presidente Prudente, assim como para as demais cidades do oeste do estado de São Paulo, e tendo os dados sobre os proprietários de lotes na Avenida Manoel Goulart, referentes ao ano de 2018, ficam algumas inquietações e possíveis problemas de futuras pesquisas: esses lotes pertenceram sempre ao mesmo proprietário ou família, ao longo do tempo? Como e quando esses proprietários adquiriram os lotes? A aquisição desses lotes possuía alguma relação com o preço ou pela proximidade com os seus familiares? Os donos desses lotes residem e/ou utilizam esses imóveis ou são alugados?

Em suma, o que propomos aqui não é um trabalho pronto e nem respostas a essas perguntas, mas sim, a apresentação de dados e inquietações que surgiram através dos mesmos, para que futuras pesquisas possam ser realizadas.

Considerações Finais

A Avenida Manoel Goulart, em Presidente Prudente, é uma das mais antigas e importantes vias de circulação da cidade. Ao estudar as mudanças do uso e ocupação do

solo na mesma ao longo do tempo, nos deparamos com dados que nos provocaram inquietações: a significativa presença de orientais como proprietários de lotes na Avenida.

Através desses dados, podemos fazer algumas perguntas que podem servir como base para uma futura agenda de pesquisa, a fim de trazer novos elementos para a história e a memória da cidade de Presidente Prudente: esses lotes pertenceram sempre ao mesmo proprietário ou família, ao longo do tempo? Como e quando esses proprietários adquiriram os lotes? Tinha alguma relação com o preço dos lotes ou pela proximidade com os seus familiares? Os donos desses lotes residem e/ou utilizam esses imóveis ou são alugados?

Sabendo da expressiva importância que a colônia japonesa possui na cidade, assim como nas demais cidades do oeste do estado de São Paulo, e como decidimos não nos aprofundarmos nos dados apresentados, achamos relevante apresentá-los aqui, assim como nossas indagações e inquietações, a fim de trazer elementos para o debate.

Referências Bibliográficas

ABREU, D. S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista**: Presidente Prudente. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.de; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012. p.19-39.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo demográfico (2010), Projeção oficial da população (2019) e área da unidade territorial (2018). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: dez. 2019.

CORDOVA, D. Z.; IUBEL, A. F.; STOIEV, F. **As muitas vistas de uma rua**: histórias e políticas de uma paisagem – Curitiba e Ria Riachuelo. Curitiba: Máquina de Escrever, 2014.

CORREIA, A. Kodama, o exemplo de um pioneiro. In: D'INCAO, M. A. (org.). **Presidente Prudente**: Capital Regional. São Paulo: Letras à margem, 2007. p.69-74.

FERREIRA, H. M. **O centro preexistente e o centro principal nas cidades policêntricas**: transformações e permanências em Marília, Presidente Prudente e São Carlos – SP. 2018. 448 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

RESENDE, B. **Raízes Prudentinas 3**. Presidente Prudente: Editora do autor, 2012.

SAKURAI, C. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: **Revista USP**, n. 27, set/out/nov, p. 32-45, 1995.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEEMANN, J. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 4/5, p. 43-53, 2002/2003.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em Presidente Prudente**: a lógica da expansão territorial urbana. 1983. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1983.

SOUSA, A. A. de. **Território e mobilidade social**: o Nikkei como profissional liberal no município de Presidente Prudente/SP. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2019.

SUZUKI, T. Mobilidade geográfica de imigrantes japoneses. In: **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

WHITACKER, A. M. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente**: uma discussão sobre a centralidade urbana. 1997. 318 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 1997.

Sobre a autora (Informações coletadas do Lattes em 2019-12-23)

Mariana Aparecida Gazolla

Licenciada e bacharela em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da mesma unidade, pesquisando nas áreas de Geografia Urbana Histórica, Memória da Cidade e Produção do Espaço Urbano. Membro de Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR).

Como citar esse artigo

GAZOLLA, M. A. Apontamentos sobre a memória da cidade: a presença dos orientais na Avenida Manoel Goulart em Presidente Prudente (SP). In: **Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online) - 60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios - v. 08, n. 15, p. 96-111, dez/2019. DOI: 10.35416/geoatos.v8i15.6987

Recebido em: 2019-11-20

Devolvido para correções: 2019-11-27

Aceito em: 2019-12-15

Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (60 anos do curso de Geografia da FCT/UNESP: memórias e desafios), n. 15, v. 8, p. 96-111, dez/2019. ISSN: 1984-1647